

URBANIZAÇÃO

DF - Brasília

Estudo cartográfico da Universidade de Brasília mostra a capital federal como a metrópole que deixou para trás a cidade projetada por Lucio Costa e incorporou o cotidiano das localidades vizinhas

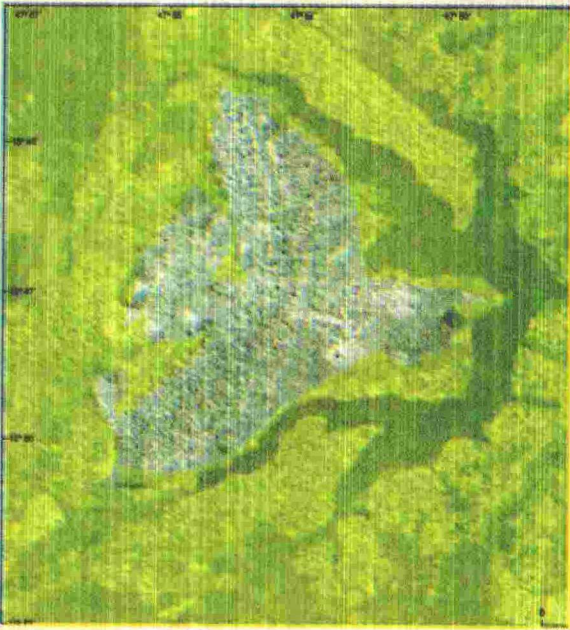
Sem fronteiras com o Entorno

GUSTAVO MARCONDES, CECÍLIA BRANDIM E HENRIQUE FRÓES

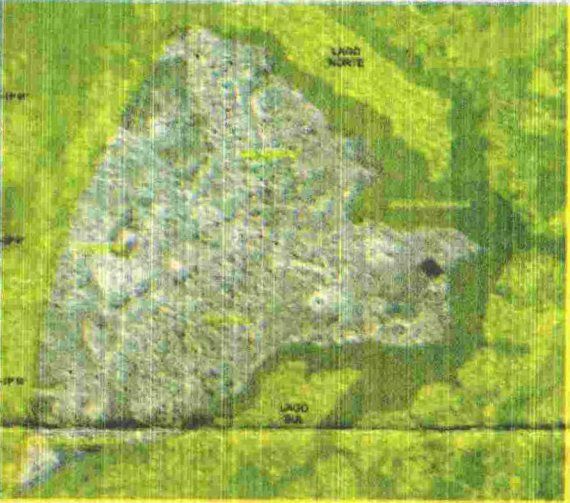
DA EQUIPE DO CORREIO

MUDANÇAS DE CENÁRIO

ESCALA URBANÍSTICA

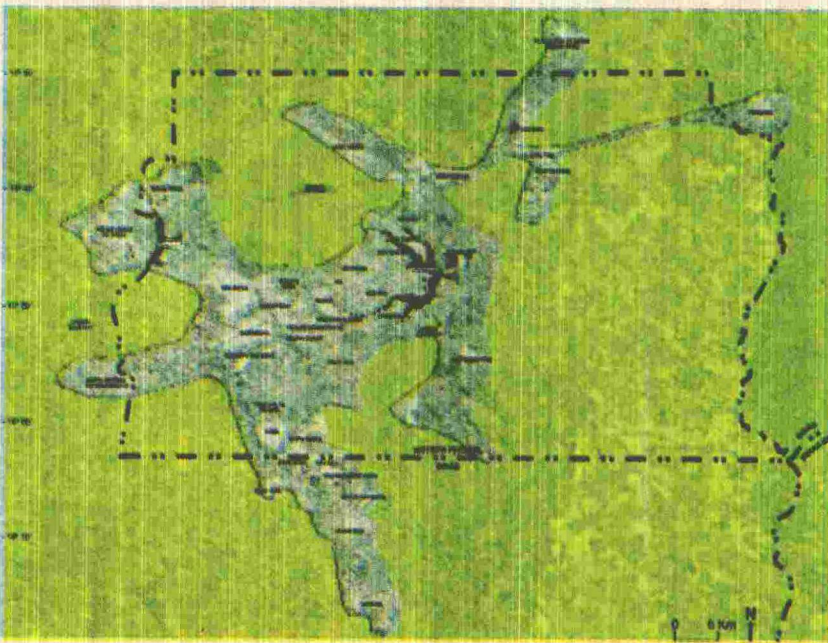


A cidade dos sonhos de Lucio Costa só existe no projeto original, do longínquo ano de 1958

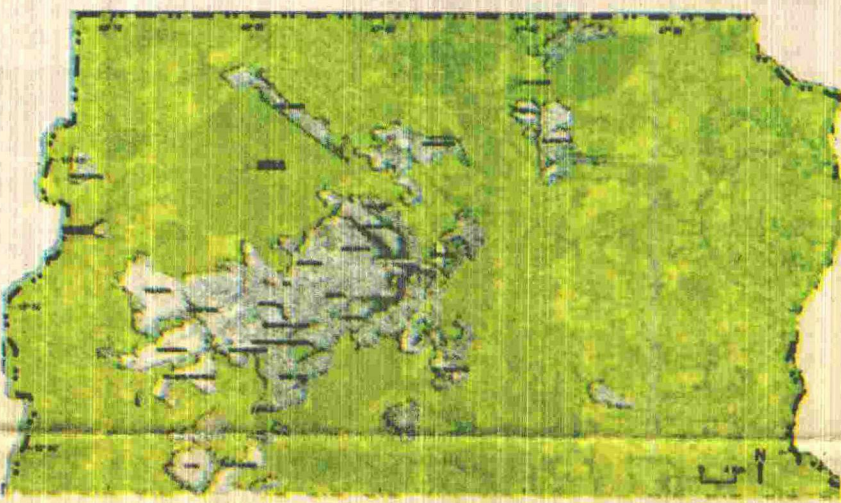


A Brasília da Unesco reúne Plano Piloto, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante e Candangolândia

ESCALA GEOGRÁFICA



O mapa do conjunto de Brasília revela como a ocupação urbana é hoje uniforme. Praticamente inexistem espaços entre as cidades, de norte a sul, de leste a oeste



O desenho da cidade metropolitana é mais real. As cidades do DF e do Entorno formam a Grande Brasília, que conta com mais de 3 milhões de habitantes

A capital federal não tem mais o formato de um avião, como pensou o urbanista Lucio Costa em 1958. Do desenho original ao atual, quase cinco décadas após o início da construção, não surgiram apenas outros centros no quadrilátero do Distrito Federal, além do Plano Piloto. Municípios goianos do chamado Entorno modificaram a mancha da ocupação urbana no território que deveria abrigar apenas a cidade planejada. O aglomerado revela uma Brasília bem maior do que poderia prever qualquer planejamento urbano na época. Um conjunto de contrastes que parte do centro e percorre os vários tentáculos pelo qual Brasília se expande.

Em qual cidade vive cada um dos milhares de habitantes que transitam entre os pequenos núcleos urbanos? Em uma só. É o que mostra o conjunto de mapas *As várias Brasília*, elaborado pelo Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (Ciga) da Universidade de Brasília (UnB). Os eixos de urbanização revelados pelo mapa da *Brasília Metropolitana* mostram uma massa territorial que inclui Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso, Cidade Ocidental, Luziânia, Formosa, Planaltina de Goiás e Novo Gama. Na imagem, não há dúvidas: o DF e o Entorno são um só.

O cotidiano da capital revela essa unidade. Marcos, Miguel e Rosária trabalham na mesma gráfica, localizada a poucos quilômetros da Rodoviária do Plano Piloto, o centro de tudo. Apesar dos quilômetros que separam as suas casas, estão juntos todos os dias. Marcos Felipe de Souza, 25 anos, é paulistano e há três anos veio para o DF. Escolheu o Setor Sudoeste para morar. Para chegar ao trabalho, gasta menos de cinco minutos de carro, um trajeto que pode percorrer a pé.

Já o colega Manuel Rodrigues Neto, 27, mora em Valparaíso de Goiás. O mineiro, que está aqui há sete anos, imaginou que a vida na capital seria fácil e que conseguiria moradia naquela Brasília que conheceu pela TV. Para chegar ao trabalho, gasta duas horas de ônibus. Meia hora a menos é o tempo que leva Rosária de Gomes dos Santos, 42, para chegar ao trabalho partindo de outro extremo, Planaltina de Goiás, onde mora há seis anos. A maranhense e os dois colegas, apesar das diferenças, estão satisfeitos com a nova vida que encontraram na capital.

O retrato dessa realidade é apenas uma das imagens inéditas do projeto *Geografia do Distrito Federal - Cartografia Para o*

Planejamento do Território e Educação Espacial Volume I. Nos mapas que compõem *As várias Brasília*, pode-se ver quatro cidades diferentes. Uma é a dos sonhos, a *Brasília de Lucio Costa*, aquela restrita ao Plano Piloto, vencedora do concurso da nova capital do Brasil em 1958. A outra é a da cidade tombada, a *Brasília da Unesco*, que inclui toda a área considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pelo órgão, já com o Cruzeiro, Núcleo Bandeirante e Candangolândia.

Outros dois mapas, porém, revelam as dimensões mais corretas da mancha urbana que se estende a partir do Plano Piloto. A *Brasília do Conjunto Urbano do Distrito Federal do Brasil* explicita como a ocupação territorial do DF é uniforme, praticamente sem espaços entre as cidades. De Samambaia a Santa Maria, de São Sebastião a Sobradinho, dos loteamentos do Lago Oeste aos condomínios do Jardim Botânico. A

Marcelo Ferreira/CB



MARCOS, MANOEL (CENTRO) E ROSÁRIA: TRABALHO COMUM, CIDADES DISTANTES

Brasília Metropolitana é aquela real, que junta os 2.282.049 habitantes do DF com a população de 823.439 pessoas que moram nas oito maiores cidades do Entorno.

"Essa imagem revela a estrutura tentacular do crescimento que se caracteriza pela disper-

são, onde todo o fluxo é direcionado para o centro de Brasília", explica Rafael Sanzio, diretor do Ciga e chefe da equipe que elaborou o projeto. "É o retrato de uma metrópole jovem, que funciona e que vai além das fronteiras do DF."

Mas, um dia, em Sobradinho, alguém puxou conversa:

— Você é de Minas?
— Sou.
— De onde?
— De Teófilo Otoni.
— Ah, eu sou de lá pertinho. Sou de Poté.

Ao que Hilderval Teixeira teve de confessar, meio sem jeito.

— Eu estava com vergonha de falar, mas também sou de Poté.

O desejo de participar da construção de Brasília espalhou-se pelas faculdades de Arquitetura e Engenharia naqueles meados dos anos 50. Teixeira estava em final de curso, em Belo Hori-

zonte, 1956, quando começou a ouvir notícias da mudança da capital. Passou a ler tudo a respeito, a assistir palestras no Clube de Engenharia, mas achava que vir à solta, sem a segurança de um emprego, era muito arriscado.

Uma conspiração do destino fez com ele encontrasse um amigo poderoso, Geraldo Carneiro, que vinha a ser o secretário particular de Juscelino, a ponte que precisava para conseguir um emprego de engenheiro da Novacap. Em janeiro de 1958, Hilderval Teixeira chegava a Brasília. Ele participou de algumas obras importantes da construção. Do Elefante Branco e da Granja do Ipê, por exemplo. A granja

era a casa do presidente da Novacap, o poderosíssimo Israel Pinheiro.

O engenheiro conta que só havia uma pessoa em quem Pinheiro não mandava no canteiro de obras de Brasília. Pelo contrário, era mandado. Era sua mulher, dona Coracy. "Ele era todo soberano", conta Teixeira. Até que a patroa chegasse. Quando ela chegava, ele tratava de amassar o cigarro com sapato para não ser flagrado numa estripulia proibida. "Depois que ela saía: 'Me dá outro cigarro aí'".

Para quem gostou da prosa de hoje, na edição de terça-feira contarei mais causas do engenheiro Hilderval Teixeira.

Solução só em parceria

Se visualmente não é possível identificar a diferença entre o DF e o Entorno, os dados sociais são capazes de fazê-lo. O crescimento das cidades ao redor do quadrilátero, que sofreu um boom na década de 90, é resultado da escassez de moradias. Atraídos pela oferta de empregos, saúde e educação, milhares de imigrantes de baixa renda escolheram a capital para tentar a vida, mas foram empurrados para fora do DF. E encontraram no Entorno uma realidade diferente da que imaginavam.

Dados do último censo do IBGE mostram que, enquanto no DF 83,50% dos domicílios possuem rede de esgoto, nos principais municípios do Entorno esse número era de apenas 8,58%. O percentual de analfabetos candangos era de 3,94%, contra 7,29% fora do DF. A proporção de leitos por habitantes, de 1 para cada 471 aqui, sobe para 1 em cada 1.321 no Entorno.

Para o professor de Sociologia da UnB Brasilmar Ferreira Nunes, as diferenças entre as cidades que compõem a mesma região metropolitana são comuns em outras unidades da Federação, mas têm um agravante no DF. "Em São Paulo ou no Rio de Janeiro, toda a região está sob o comando de um mesmo governo estadual, sendo, por isso, mais fácil articular políticas públicas comuns", pondera.

O subsecretário de Articulação do Entorno do governo do Distrito Federal, Dalton Paranaíba, ressalta que houve uma melhora nesses dados e que várias ações conjuntas foram implantadas pela União e governos do DF e de Goiás. Ele cita como exemplos os convênios nas áreas de saneamento, com investimentos em Águas Lindas (GO), e de segurança pública, que permitiu a atuação conjunta das polícias do DF e de Goiás. "Não podemos governar de costas para o Entorno e devemos encarar os problemas dessa região em busca de soluções conjuntas", conclui Paranaíba. (GM, CB e HF)

GEOGRAFIA DO DF VOLUME I

As Várias Brasília e Mapa do Uso do Território no Distrito Federal
Dois mapas de formato A1 (841x597mm) frente e verso - R\$ 40

ONDE COMPRAR

Ciga (UnB): 3307-2393
Editora UnB: 3226-6874

Livraria do Chico (UnB):
3307-3254

Livraria da Rodoviária de Brasília: 3224-9850

Livraria da Travessa (CCBB): 3310-7147
RDS Distribuidora de livros: 3340-6536

Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

OS CAUSOS DO ENGENHEIRO

Dia desses ouvi de alguém muito lúcido: vamos ter de retomar o Brasil a partir dos anos Juscelino, a temporada de ouro de um país bêbado de fracassos. Foi a deixa pra eu pegar a trilha que leva à memória da construção da cidade, roteiro surpreendentemente pouco explorado. Encontrei no precioso Projeto Memória da Construção de Brasília, do Arquivo Público, o depoimento do engenheiro Hilderval Teixeira, hoje com 73 anos, morador de Brasília.

Os engenheiros da construção têm sido esquecidos pela história. O fenômeno tem fácil explicação: os arquitetos modernistas eram a estrela maior da obra, de tal modo refulgente que ofuscou o papel dos engenheiros. O depoimento de Teixeira, de 1998, é um palito de fósforo aceso na escuridão da memória da engenharia na obra épica. Um senhor palito de fósforo, um palitão.

Com nítida vocação para contar causas, Teixeira começa com um deles. Conta que é mineiro de Poté, mas que sempre que lhe perguntam de onde é, diz que é de Teófilo Otoni, porque ninguém conhece sua cidade natal.